

HERBERT BALDUS, ETNÓLOGO DO BRASIL

João Ricardo de Castro CALDEIRA

"O melhor professor que tive foi Herbert Baldus. (...) Aprendi muito com Baldus. Aprendi sobretudo a fazer meu seu ideal científico de estudar a natureza humana pela observação dos modos de ser, de viver e de pensar dos índios do Brasil."

Darcy Ribeiro
Confissões, 1997

Como é sabido, o desenvolvimento da Etnologia brasileira muito deve à contribuição de estudiosos e pesquisadores de origem alemã, como Martius, von den Steinen, Koch-Grünberg, Ehrenreich, Max Schmidt, Nimuendajú. Entre eles, todavia, destaca-se Herbert Baldus (1899-1970), pelas diretrizes inovadoras que impôs ao ensino e à pesquisa daquela ciência no Brasil.

Chegado ao país com o título de doutor em Etnologia obtido *cum laude* na Universidade de Berlim, Baldus fixou residência definitiva na cidade de São Paulo a partir de 1933.¹

Baldus iniciou, em 1939, o ensino de Etnologia do Brasil na Escola de Sociologia e política de São Paulo, instituição na qual lecionou aquela disciplina por mais de vinte anos (1939-1960). Ali também realizou pesquisas, orientou tese de pós-graduação (entre as quais se inclui a já clássica de Florestan Fernandes, *Organização*

1. Herbert Baldus estivera anteriormente nessa capital na década de 1920, quando realizava pesquisas na América do Sul, havendo retornado à Alemanha em 1928, onde obteve seu doutorado.

social dos Tupinambá) e exerceu forte influência na formação de jovens etnólogos, como Darcy Ribeiro, Gioconda Mussolini, Harald Schultz, Wilma Chiara e outros.

Nessa mesma Escola aproximou-se bastante de Sérgio Buarque de Holanda, em quem despertou o interesse pela pesquisa etnológica em combinação com a historiográfica, com ênfase para os aspectos tecnológicos e dos mitos indígenas. É possível dizer-se então que, a partir de seus contatos com Baldus, Sérgio Buarque acrescentou novas orientações aos seus estudos, como elas podem ser observadas em *Monções* (1945), *Índios e mamelucos na expansão paulista* (1949), *Caminhos e fronteiras* (1957) e *Visão do Paraíso* (1959).

Herbert Baldus também teve forte atuação no Museu Paulista, tendo dirigido a Secção de Etnologia e a Revista dessa instituição, deixando marcas profundas de sua passagem. Durante sua gestão, a mencionada secção foi bastante ativa, como se pode depreender da leitura dos relatórios publicados na *Revista do Museu Paulista* no período. Acrescente-se que, nas décadas de 1940 e 1950, sob sua direção, a Revista constituiu um dos principais veículos de divulgação da produção universitária brasileira de Sociologia e Antropologia.

Cumpra ainda destacar que, no Brasil, Baldus inclui-se entre os pioneiros da pesquisa acadêmica de gabinete e de campo na área da Etnologia. Neste sentido, desenvolveu “*diversas pesquisas científicas entre os indígenas (...) dos estados de São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, Mato Grosso, Goiás e Pará*”.²

Coube a ele também o pioneirismo da implantação, no país, dos estudos de aculturação de tribos indígenas. De acordo com o antropólogo Egon Schaden, foi Baldus quem “*teve o mérito não só de chamar a atenção dos estudiosos das culturas nativas para o alcance teórico e prático das pesquisas neste campo, mas também de mostrar o grau em que variam, de uma tribo para outra, as influências do mundo dos brancos e mestiços*”³. Ao fazê-lo, Baldus procurou, entre outras coisas, ressaltar a importância da análise do contato entre as

2. MASSI e PONTES, 1992, p. 15.

3. SCHADEN, 1979-1980, p. 268.

sociedades tribais e as culturas européias para a compreensão do próprio processo de formação da civilização brasileira.⁴

Pode-se afirmar, portanto, sem receios, que Baldus foi um cientista na acepção mais apropriada que essa palavra pode conter. Ao longo de sua atividade acadêmica, contemplou tanto os campos do ensino e da pesquisa, acima referidos, como o da divulgação de conhecimentos referentes à Etnologia das tribos indígenas brasileiras.

Em relação àquela última atividade, cumpre fazer referência aos artigos que escreveu e foram publicados em periódicos nacionais e estrangeiros (*Revista do Museu Paulista, Sociologia, Revista do Arquivo Municipal, Anthropos, Archiv fur Anthropologie und Volkerforschung, Archiv fur Religionwissenschaft* etc.), bem como aos seus livros, hoje clássicos, como os seguintes, conforme o ano de sua primeira edição: *Estudos de Etnologia Brasileira* (São Paulo, 1937); *Dicionário de Etnologia e Sociologia*, em colaboração com Emilio Willems (São Paulo, 1939); *Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira*, vol. I (São Paulo, 1954); *Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira*, vol. II (Hanover, 1968); *Tapirapé – Tribo tupi no Brasil Central* (São Paulo, 1970).

Certamente, pode-se considerar Herbert Baldus, ao lado de Curt Unkel Nimuendajú⁵, como um dos maiores expoentes alemães da moderna Etnologia brasileira. As contribuições de ambos se equivalem, distinguindo-se pelo fato de Nimuendajú haver atuado fora do meio acadêmico, enquanto Baldus teve sua atividade vinculada a instituições universitárias.

Devido à sua contribuição bastante reconhecida de pesquisador e formador de cientistas do decorrer do período de constituição e consolidação das Ciências Sociais em São Paulo (correspondente ao intervalo compreendido entre as décadas de 1930 e 1950), Baldus merece ser permanentemente lembrado, sobretudo através da leitura de suas obras e da análise de suas realizações nas instituições em que atuou.

4. Cf. BALDUS, 1937. De algum modo, pode-se afirmar que o conceito de aculturação foi, nas décadas de 1960 e 1970, reformulado por Darcy Ribeiro e Roberto Cardoso de Oliveira. O primeiro o substitui por transfiguração étnica; o segundo, por *ficção interétnica*, com o propósito de indicar que o contato entre índios e civilizados no Brasil transcorreu de modo violento.

5. Sobre a atuação de Curt Nimuendajú, ver, por exemplo, SCHADEN, op. cit., esp. pp. 263-267.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALDUS, Herbert. *Ensaio de etnologia brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937. (Brasiliana, v. 101).
- MASSI, Fernanda e PONTES, Heloísa. *Guia bibliográfico dos brasilianistas: obras e autores editados no Brasil entre 1930 e 1988*. São Paulo: Editora Sumaré/FAPESP, 1992.
- SCHADEN, Egon. A etnologia no Brasil. In FERRI, Mário Guimarães e MOTOYAMA, Shozo (coords.). *História das ciências no Brasil*. São Paulo: EPU/EDUSP, 1979-1980. V. 2. pp. 239-271.